DOI 10.22478/ufpb.2317-6725.2026v31.79014

Sinais e indícios nos sertões do Seridó: algumas considerações sobre o paradigma indiciário a partir da obra de Oswaldo Lamartine de Faria

Signs and clues in the sertões of Seridó: Some considerations on the evidentiary paradigm based on the work of Oswaldo Lamartine de Faria

Israel Maria dos Santos Segundo
https://orcid.org/0009-0005-1098-6517
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Azemar dos Santos Soares Júnior
https://orcid.org/0000-0003-0015-415X
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de discutir o paradigma indiciário com base em 2 (duas) publicações do escritor Oswaldo Lamartine de Faria, a saber, *A caça nos sertões do Seridó* (1961) e *Notas de Carregação* (2001). Nessas obras, o autor potiguar faz uma etnografia de costumes sertanejos, hábitos ligados às zonas rurais da região do Seridó norte-rio-grandense. Para realizar essa discussão, apropriamo-nos das seguintes categorias: paradigma venatório, paradigma divinatório e paradigma indiciário, todas a partir de Carlo Ginzburg (1989), aqui entendidas como formas de obtenção do conhecimento baseadas em pequenos sinais, indícios e peculiaridades do cotidiano. Metodologicamente, orientamo-nos pela micro-história, conforme teorizado por Levi (2011) e Barros (2013), de acordo com a qual as situações trazidas nas obras de Faria (1961; 2001) servem como a redução na escala de observação do fenômeno maior (a constituição do paradigma indiciário). A partir dos exemplos práticos da operação do modelo epistemológico indiciário colhidos no âmbito dos escritos oswaldianos, concluímos que esse paradigma do conhecimento tem raízes muito remotas e, nos sertões do Seridó, manifestou-se em seus estágios venatório e divinatório através de um saber popular paulatinamente sedimentado pela concretude da experiência e alicerçado no recolhimento, observação e interpretação de sinais e indícios.
Palavras-chave: Paradigma indiciário. Sertões do Seridó. Oswaldo Lamartine de Faria.

Abstract: This work aims to discuss the evidentiary paradigm based on two publications by the writer Oswaldo Lamartine de Faria, namely, *A caça nos sertões do Seridó* (1961) and *Notas de Carregação* (2001). In these works, the author from Rio Grande do Norte conducts an ethnography of the country customs, habits linked to the rural areas of the Seridó region of Rio Grande do Norte. To carry out this discussion, we appropriate the following categories: hunting paradigm, divination paradigm, and evidentiary paradigm, all based on Carlo Ginzburg (1989), understood here as ways of obtaining knowledge based on small signs, clues, and peculiarities of daily life. Methodologically, we are guided by micro-history, as theorized by Levi (2011) and Barros (2013), according to which the situations presented in Faria's works (1961; 2001) serve as a reduction in the scale of observation of the larger phenomenon (the

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

constitution of the evidentiary paradigm). From the practical examples of the operation of the evidentiary epistemological model gathered within Oswaldo's writings, we conclude that this paradigm of knowledge has very remote roots and, in the sertões of Seridó, manifested itself in its hunting and divinatory stages through a popular knowledge gradually sedimented by the concreteness of experience and based on the collection, observation, and interpretation of signs and clues.
Keywords: Evidentiary paradigm. Sertões of Seridó. Oswaldo Lamartine de Faria.

Introdução

Não há muito tempo, a caça era um meio auxiliar de sobrevivência para o homem dos sertões residente na zona rural. Levantando-se antes do raiar do sol, o sertanejo tomava o café preto com o cuscuz de milho e saía para a faina diária nas matas ralas da caatinga. Quando a luta do gado era insuficiente para o sustento e a plantação amargava a seca ou definhava pelas pragas naturais, a caça se mostrava como solução preponderante para a manutenção própria e da família. Fosse ela praticada para o consumo direto do animal abatido ou como forma de obtenção de numerário, o ato de caçar vicejava sempre que dele houvesse necessidade. Numa fauna ainda pouco explorada, o homem encontrava o arrimo do estômago através do abate de um sem número de animais de terra e de ar. Muitos deles, sobretudo os felinos, eram descobertos e alcançados através de uma forma antiquíssima de obtenção do saber baseada em pequenos sinais e aspectos aparentemente marginais, a que se convencionou chamar, no campo teórico, de paradigma indiciário.

Esse paradigma epistemológico teve sua emergência destacada a partir de um texto escrito na década de 1970, reformulado e publicado em versão definitiva no ano de 1986 pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Há muito utilizado nas ciências humanas e na ciência médica, porém até aquele momento não suficientemente teorizado nem dotado de um aspecto pleno de cientificidade, o paradigma indiciário, conforme o denominou Ginzburg (1989), seria uma forma de obtenção do conhecimento que privilegiava caracteres individuais e particulares, pequenos sinais ou indícios geralmente negligenciados pela maioria dos observadores.

O paradigma indiciário, nesse sentido, por se concentrar em aspectos de pouca monta e muitas vezes irrepetíveis, fazia um contraponto ao paradigma científico de matriz galileana surgido na era moderna, entre os séculos XVI e XVII, o qual primava pela testabilidade, repetibilidade e fixação de verdades universais para dados objetos ou situações[1].

Na essência, ao teorizar acerca de uma cognição baseada em indícios, o historiador de Bolonha buscava dar bases racionais à construção do conhecimento no âmbito das ciências humanas, jogando luz sobre um alegado estatuto de não cientificidade na seara histórica do saber.

[1] De acordo com Ginzburg (1989, p. 156, grifos no original), "[...] a ciência galileana tinha uma natureza totalmente diversa, que poderia adotar o tema escolástico *individuum est ineffabile*, do que é individual não se pode falar. O emprego da matemática e o método experimental, de fato, implicavam respectivamente a quantificação e a repetibilidade dos fenômenos, enquanto a perspectiva individualizante excluía por definição a segunda, e admitia a primeira apenas em funções auxiliares. Tudo isso explica por que a história nunca conseguiu se tornar uma ciência galileana".

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Desse modo, tomando como objeto de estudo as etapas de constituição do paradigma indiciário, o presente artigo tem o objetivo de discuti-lo a partir de 2 (duas) publicações do escritor Oswaldo Lamartine de Faria nos anos de 1961 e 2001, a saber, *A caça nos sertões do Seridó* e *Notas de Carregação*, respectivamente, as quais erigimos como nosso *corpus* documental.

Nessas obras, Faria faz uma etnografia de costumes sertanejos, hábitos esses ligados às zonas rurais da região do Seridó norte-rio-grandense e que estiveram em vigor até o início da segunda metade do século XX, pelo menos. Nos escritos desse autor potiguar, é possível perceber como a forma de construção do saber depreendida de tais costumes, a qual podemos nomear, a partir de Ginzburg (1989), como *paradigma indiciário,* parece ter sido utilizada pelos homens do sertão rural para constituir um cabedal de lições atinente às suas atividades cotidianas.

Isso, de certa forma, nos permite "testar" a hipótese de que o conhecimento indiciário, mais que uma maneira de cognição utilizada no cerne das ciências humanas (história, história da arte, paleontologia etc.) ou na medicina, tem raízes em um saber popular antiquíssimo, proveniente, sobretudo, da recolha de sinais e indícios disponíveis à observação do intérprete.

Por sua vez, é imperioso assertar que, apesar de o uso do paradigma indiciário estar difundido no campo acadêmico nacional, sobremaneira nas áreas da educação e da história, onde seu uso e estudo não constituem novidade, a sua demonstração ou relação com a obra de Oswaldo Lamartine de Faria, como aqui realizada, é inédita e abre novas possibilidades de trabalho e pesquisa acerca dessa forma singular de aquisição do saber, tal razão justificando a escrita e a existência deste artigo[2].

Ademais, esta pesquisa permite o desvelamento de um olhar diferente sobre os livros do mencionado sertanista, a partir do qual a sua obra deixa de referir-se apenas a uma região geográfica específica – o Seridó potiguar[3] – e passa a integrar-se a uma série de estudos que visa compreender o mecanismo de construção do conhecimento no âmbito da história e de outros campos das ciências humanas.

Sendo assim, o presente escrito se divide, além desta introdução, em três tópicos: no primeiro, fazemos uma apresentação dos livros erigidos como fontes deste artigo, buscando

[2] Em pesquisa realizada no dia 19 de março de 2025 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (https://bdtd.ibict.br/vufind), plataforma criada e gerida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, não encontramos quaisquer trabalhos que façam a abordagem do paradigma indiciário e de sua constituição a partir da obra de um determinado autor. Igualmente, em acesso, na mesma data, ao Portal de Periódicos da CAPES (https://www-periodicos-capes-gov-br.ez18.periodicos.capes.gov.br), sítio mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão vinculado ao Ministério da Educação, não encontramos artigos científicos que se proponham ao mesmo desiderato. Em ambos os casos, a extensa maioria dos trabalhos pesquisados indica a utilização do paradigma indiciário como aporte teórico-metodológico e ferramenta de análise de dados.

[3] O Seridó é uma região geográfica que abrange o centro sul do estado do Rio Grande do Norte e o centro norte do estado da Paraíba. O Seridó norte-riograndense, mais especificamente, abrange 23 municípios e era subdividido, até 2017, em 2 (duas) microrregiões da Mesorregião Central Potiguar: o Seridó Ocidental, englobando Caicó, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jucurutu, São Fernando, São João do Sabugi, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas, e o Seridó Oriental, com os municípios de Acari, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Jardim do Seridó, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São José do Seridó, São Vicente e Tenente Laurentino Cruz. Naquele ano, o IBGE aboliu a divisão regional em mesorregiões e microrregiões, substituindo-a por regiões geográficas intermediárias e imediatas. Nessa nova sistemática, todo o Seridó potiguar ficou incluído na Região Geográfica Intermediária de Caicó, subdividindo-se nas Regiões Geográficas Imediatas de Caicó e Currais Novos (IBGE, 2017).

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

atravessá-la por uma síntese da biografia de seu autor. No segundo, ao tempo em que expomos o referencial teórico utilizado, consistente nas observações de Ginzburg (1989) acerca dos paradigmas venatório, divinatório e indiciário, também discorremos sobre a metodologia da micro-história empregada na pesquisa. Por fim, trazemos excertos das obras de Faria (1961; 2001) representativos dos paradigmas de conhecimento aqui abordados, analisando-os à luz das relações possíveis com o modelo epistemológico indiciário.

Oswaldo Lamartine de Faria e os sertões do Seridó potiguar

Oswaldo Lamartine de Faria nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, no ano de 1919. Sem ser, efetivamente, um sertanejo, posto ter nascido na capital do estado, zona litorânea potiguar, Oswaldo o era na constituição de sua identidade, pois fora nos sertões de Acari, município do interior do estado, mais precisamente na fazenda Ingá, de propriedade de sua família, que passara os mais expressivos momentos da infância.

Filho do seridoense Juvenal Lamartine de Faria[4], Oswaldo exerceu, em diferentes momentos de sua vida, inúmeras atribuições ligadas ao universo rural nordestino, através dessas experiências reforçando seu conhecimento sobre os modos de morar, viver e fazer do homem dos sertões: formado técnico agrícola pela Escola Superior da Agricultura de Lavras (1938-1940), Minas Gerais, o jovem Oswaldo administrou, entre os anos de 1941 e 1954, algumas propriedades rurais, entre elas a Fazenda Lagoa Nova, situada em Riachuelo (RN), a Colônia Agrícola do Maranhão, em Barra do Corda (MA), além do Núcleo Colonial do Pium, em Parnamirim (RN). Passando, depois disso, às atividades urbanas, em 1955 ingressou no Banco do Nordeste do Brasil, instituição na qual trabalhou por muitos anos.

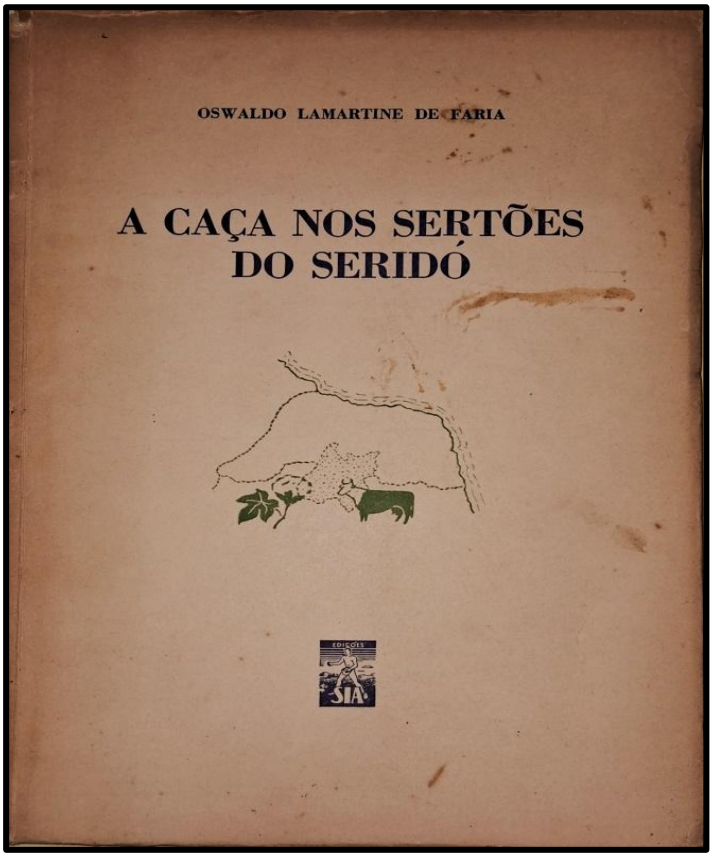
"A caça nos sertões do Seridó", obra que integra o presente estudo, é o terceiro livro de Oswaldo Lamartine de Faria. Publicado em 1961, esse escrito constituiu o título de número 16 (dezesseis) da coleção Documentário da Vida Rural, série idealizada e promovida pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura do Brasil.

Da indumentária do caçador, extremada, de acordo com Faria (1961), pelas alpercatas de rabicho e pelo chapéu de couro, passando pelos instrumentos e apetrechos da caçada, a exemplo das armas de fogo, bestas e azagaias, até os métodos de captura dos animais e as crendices a esta relacionadas, *A caça nos sertões do Seridó* é um livro que pretende apresentar ao leitor os vários elementos ligados ao universo da caça praticada nos sertões da região do Seridó potiguar.

[4] Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) foi um magistrado, político e autor potiguar. Exerceu os cargos de vice-presidente (vice-governador, na nomenclatura atual) do estado do Rio Grande do Norte (1904-1905), deputado federal (1906-1926) e senador (1927) pela mesma unidade federativa. Eleito presidente de seu estado para o quadriênio 1928-1932, foi apeado do poder pela Revolução de 1930, em pleno exercício do mandato.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Figura 1: Capa do livro "A caça nos sertões do Seridó", de Oswaldo Lamartine



Fonte: Faria (1961).

Nota-se, na ilustração principal, que o destaque da região do Seridó (ao centro, com hachuras) é ladeada pelo boi (à direita) e pela folha e flor do algodão (à esquerda), elementos de sua formação espacial e econômica. Essa imagem − representativa das duas culturas preponderantes na história seridoense, a pecuária e a cotonicultura − quer, conforme podemos inferir, situar a atividade da caça descrita naquele volume no seio de uma geografia específica isolada e relativamente distante do litoral (a dos sertões), onde a produção de riquezas primárias (a carne e o algodão), dando marca e identidade à região, se revelava o motor da economia local.

Ao estudar o uso de imagens em trabalhos históricos, um abalizado historiador destaca que elas, as imagens, "[...] são feitas para comunicar" (Burke, 2017, p. 55), enfatizando que "[...] elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo que um texto levaria muito mais tempo para descrever, e de forma mais vaga, como no caso da impressão, por exemplo" (Burke, 2017, p. 125).

Nesse sentido, Oswaldo antecipa muito nitidamente, com a capa de sua obra de 1961, temas que viria a abordar no início de sua escrita: os currais pecuários e a raiz do algodão. De fato, não há como separar, consoante estudado por Morais (1999, p. 37), "[...] o processo de ocupação do Seridó da expansão do Complexo Nordestino, particularmente da criação de gado pelo espaço norte-rio-grandense; nem como desconsiderar a importância que teve a pecuária no contexto social e econômico dessa região".

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

De forma similar, o algodão se tornou importante no contexto regional a partir das últimas décadas do século XIX e início do século XX, vez que,

> [...] considerando que a economia do Rio Grande do Norte, nesse período, estava calcada na produção do algodão mocó, tem-se o Seridó, pelas suas características climáticas e condições de solo, como a região de referência em termos de cotonicultura potiguar (Morais, 1999, p. 54).

Entretanto, ainda que a geografia seridoense não haja sofrido alterações do ano de publicação da obra oswaldiana (1961) até aqui, o mesmo não se pode dizer das duas culturas focalizadas na imagem sob exame. O algodão seridoense entrou em declínio, sobretudo, a partir da década de 1970, quando o mercado têxtil revelou crescente interesse por fibras sintéticas em detrimento da fibra do próprio algodão. Já a pecuária do Seridó, apesar da diminuição de sua importância em termos econômicos, continua a ser produtiva e relevante, particularmente porque, conforme explica Morais (2005), está entre os principais segmentos da atividade rural seridoense e é um elo na cadeia produtiva da região que interliga o campo e a cidade e os setores primário, secundário e terciário da economia, além de portar uma dimensão simbólica formativa da identidade regional, como já indicava a própria ilustração do livro de Oswaldo. Aliás, é válido ressaltar que a sede do município de Caicó, inserida nesse mesmo espaço, é até hoje conhecida como a cidade da carne de sol e do queijo, um título gastronômico que evoca um dos segmentos da economia mais tradicionais da localidade.

N*a caça nos Sertões do Seridó*, dividida em três partes, conforme delineado no quadro a seguir, Oswaldo se dedica a abordar o tema venatório a partir de sua integração com a história, a formação do espaço e a configuração de aspectos socioculturais da região do Seridó. Em um primeiro momento, destaca-se o avanço da colonização em chãos seridoenses a partir da atividade pecuária e de seus currais, discorrendo-se ainda sobre como, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, a cultura do algodão substituiu a criação do gado como a principal atividade econômica regional.

Posteriormente, Oswaldo Lamartine delineia espacialmente a região do Seridó, citando de quais municípios se compunha, qual era a sua população, de quais espécies nativas se revestia, quais anos de seca enfrentara, quantos rios e açudes possuía, entre outros aspectos. Por fim, ingressa propriamente no tema que dá título ao livro, abordando os mais variados aspectos a respeito da caça sertaneja e seus caçadores.

Quadro 1 – Tábua de matérias da obra "A caça nos sertões do Seridó"

DIVISÕES	ASSUNTOS
I. O começo dos sertões do Seridó	1. As primeiras datas 2. Os currais 3. A raiz do algodão 4. O sertão de agora
II. O mundo seridoense	1. As ribeiras 2. O tamanho da terra 3. Contagem de gente 4. O chão e os matos

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

	5. Os invernos 6. “Kalendário” das secas 7. O caminho das águas 8. As serras e os quatro aceiros 9. Dinheiro de pedra 10. Do ambó ao Itans
III. A caça nos sertões do Seridó	1. Indumentária 2. Instrumentos e apetrechos 3. Métodos de caça 3.1 Por perseguição • Cachorros • Furão • Por rastejamento 3.2 Por espera • Fôjo de arribaçã • Tingui na água • Carniça • Comida, bebida, dormida, morada etc. • Arremedo 3.3 Por armadilhas • Mundé • Quebra-cabeça • Fôjos ou quixós (Para roedores, para porcos, para veados, para arribaçãs) • Arataca • Chiqueiro • Esparrela • Arapuca • Sangra • Espingarda • Facho • Cabaça • Alçapão • Visgo • Laço • Lata de soda cáustica • Telha amarrada • Cachaça • Anzol 4. Crendices

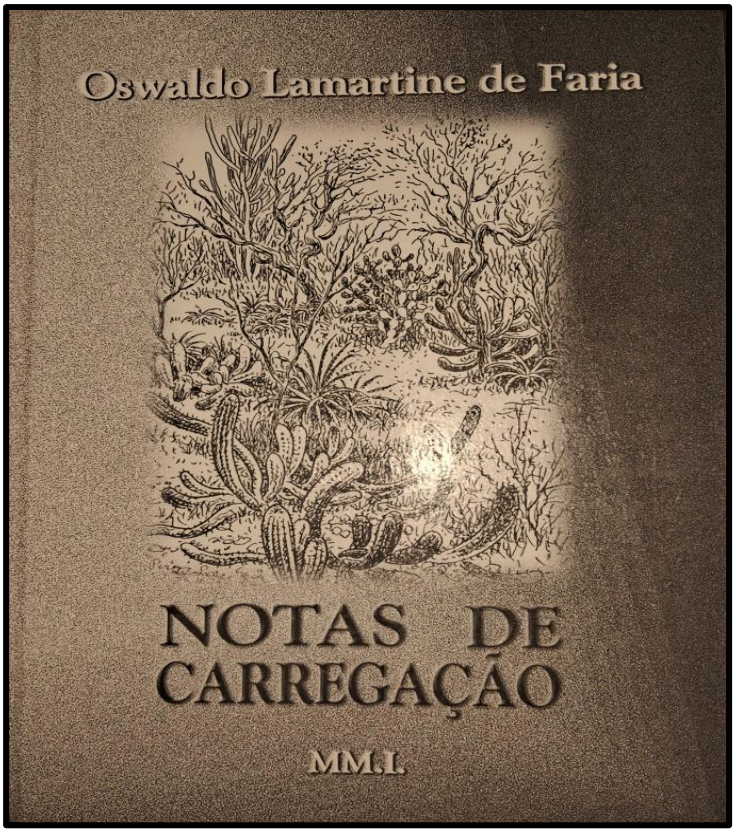
Fonte: Quadro elaborado pelos autores (2026).

Por sua vez, o escrito *Notas de Carregação* (2001) é um livro da experiência e da velhice, pois foi um dos últimos títulos de Oswaldo Lamartine de Faria a serem publicados. Impressa no início deste século, a obra reúne 11 (onze) artigos de sua autoria englobando aspectos diversos da flora e da fauna do sertão. São análises que expressam desde a

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

preocupação do autor com questões ambientais relacionadas à preservação da caatinga até a fixação de antigos costumes atinentes ao mundo rural nordestino. Mostra um Oswaldo, sobremaneira, preocupado com a deterioração do bioma, mas também como um estudioso que ainda persistia na elaboração de uma etnografia dos sertões.

Figura 2: Capa do livro *Notas de Carregação*, de Oswaldo Lamartine



Fonte: Faria (2001).

Por conseguinte, a imagem ilustrativa da capa de *Notas de Carregação* remete à paisagem dos sertões nordestinos, marcados pela vegetação da caatinga. De autoria de Percy Lau[5], de quem Oswaldo Lamartine se tornara amigo[6], o referido desenho é uma

[5] De acordo com Angotti-Salgueiro (2005, p. 27), "Percy Lau [1903-1972], cujo pai era inglês, nasceu no Peru em 1903, mas passou a maior parte de sua vida no Brasil, onde fez carreira como desenhista e ilustrador. Está em Pernambuco desde 1921 e participa do Grupo dos Independentes, organizando em 1932, com Augusto Rodrigues, o Ateliê de Artes Plásticas; no Rio de Janeiro integra em 1939 a equipe dos funcionários do IBGE. Malgrado sua mobilidade reduzida, viajou pelo Brasil a serviço do instituto, mas alguns de seus desenhos a bico-de-pena da série [Tipos e Aspectos do Brasil] não são apenas fruto das viagens, tendo trabalhado também a partir de fotografias".

[6] A relação entre Lamartine e Percy Lau é comentada pelo primeiro nos seguintes termos: "[Percy Lau] Cortou *imbigo* no Peru e veio para o Brasil menino – primeiro Recife, depois Rio. Muito do nosso mundo que desenhava era de oitiva – como quem toca de ouvido. No Conselho Nacional de Geografia, onde era desenhista, ilustrava **Tipos e Aspectos do Brasil**. Aqui acolá, em cenas nordestinas, eu chamava sua atenção para detalhes – uma correia de apragatas, burranhas de uma sela, feitio de um fifó – miudezas que davam mais autenticidade documental à gravura. Ele gostava, pois dizia que muitas vezes tinha de se valer de fotografias para fixar época e local" (Campos, 2001, p. 79, grifos no original).

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

variação de “Caatinga”, ilustração produzida por Lau (provavelmente no fim de 1939) para a série “Tipos e aspectos do Brasil”[7], da “Revista Brasileira de Geografia”, uma publicação do Conselho Nacional de Geografia (CNG) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na imagem se veem, claramente, algumas espécies arbóreas típicas do bioma, entre as quais saltam aos olhos ramas de xique-xiques, touceiras de macambira e um grande facheiro, localizado ao fim da imagem. É uma ilustração afirmativa de que as tais “notas” do título da obra versam sobre uma espacialidade específica: a dos sertões do Nordeste.

No escrito de abertura do volume, intitulado “E adonde era sombra se fez sol e adonde era solo se fez chão...” (Faria, 2001, p. 13), o autor faz uma reflexão sobre o uso de defensivos agrícolas para o solo e a utilização de inseticidas para o controle de pragas, além da caça predatória, enfatizando como essas atividades vinham contribuindo para a mudança e deterioração da flora e da fauna sertanejas. Nos dois artigos seguintes, “Cadê os Canários?” e “Notas para o Necrológio do Urubu”, Oswaldo continua no mesmo tema e atribui ao uso desenfreado de inseticidas o desaparecimento gradual dessas espécies de aves (canários e urubus) outrora tão presentes nas terras seridoenses.

Já em “A Saárização do Seridó”, Oswaldo Lamartine destaca o processo de desertificação regional e mais uma vez aborda a caça predatória, imputando a esses dois fenômenos o paulatino desaparecimento da vegetação e dos animais cinegéticos locais. O próximo artigo, por sua vez, tem por título “A Ressureição da Mão de Onça”, em alusão à denominação que recebe uma espécie de planta que vegeta na beira dos riachos e consegue sobreviver a longos períodos de estio. Já em “Profetas de Inverno” e “Meteorologia Sertaneja”, Oswaldo trata da maneira como os homens do sertão, a partir de sinais aparentemente aleatórios, conseguem prever a seca ou o inverno para o período posterior.

Por conseguinte, o único escrito de tons fictícios presente na obra *Notas de Carregação* denomina-se “Mangará”, nome dado a um jumento que apresenta resistência à ordem para transportar uma onça morta, terminando por cumprir a tarefa debaixo de ferro e fogo. “Rastejadores de Abelhas”, por seu lado, retoma o tema dos pequenos sinais ou indícios, desta feita o abordando a partir do conhecimento operacionalizado pelos caçadores sertanejos na captura das abelhas. Em “Ribaçãs”, Oswaldo expressa sua preocupação com essa espécie de ave, investigando os motivos do encolhimento de sua população no sertão seridoense. Por fim, “Cassacos” aborda o ofício daqueles homens que labutaram na construção de açudes, focalizando suas características, morada e o cancioneiro entoado no momento do trabalho.

Ressaltamos que a partir das obras *A caça nos sertões do Seridó* e *Notas de carregação*, Oswaldo Lamartine ilustrou, ainda que sem se dar conta, aspectos de um paradigma de conhecimento que surgiu ainda nos primórdios da trajetória humana e atravessou, com nomes diferentes, toda a história do saber no mundo ocidental. É o que buscaremos, de forma sintética, mostrar a seguir.

[7] A série “Tipos e Aspectos do Brasil” foi iniciada em 1939 e continuou a ser publicada por vários anos, transformando-se, a partir de 1940, em publicação autônoma no formato livro com o mesmo título da série, alcançando várias edições, cada vez mais volumosas, ao longo das décadas seguintes.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Paradigmas e mais paradigmas

Para encetar a discussão proposta, faz-se necessário apropriarmo-nos dos conceitos de *paradigma venatório*, *paradigma divinatório* e *paradigma indiciário*, todos a partir de Ginzburg (1989), aqui entendidos como formas de obtenção do conhecimento atinentes a sinais, indícios e peculiaridades do cotidiano, elementos muitas vezes marginalizados pelo espectador comum. A história, as particularidades e as diferenças entre esses paradigmas serão exploradas adiante.

Metodologicamente, orientamo-nos pela micro-história, conforme teorizado por Levi (2011) e Barros (2013). De acordo com o primeiro historiador,

> [...] a micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral (Levi, 2011, p. 160).

No presente caso, as situações trazidas nas obras de Faria (1961; 2001) servirão como a redução na escala de observação do fenômeno maior (qual seja, a constituição do paradigma indiciário), a partir delas analisado. Ao discorrer sobre o método da micro-história, também José D'Assunção Barros (2013) informa que uma pesquisa em torno de um determinado indivíduo, comunidade ou aspecto social pode ser um *meio*, entre outras coisas, para a compreensão de especificidades relativas a uma sociedade mais ampla. Para esse autor,

> [...] a ideia é que [na micro-história], embora não seja possível enxergar a sociedade inteira a partir de um fragmento social, por mais que ele seja cuidadosamente bem escolhido, será possível – dependendo do problema escolhido – enxergar *algo* da realidade social que envolve o fragmento humano examinado (Barros, 2013, p. 156).

Em investigação acerca do método da micro-história e o paradigma indiciário, o professor e sociólogo mexicano Aguirre Rojas (2012, p. 89, grifos no original) acentua que essa abordagem *micro* "[...] reivindica, entre seus procedimentos principais, a *'mudança de escalas' do nível de observação e de estudo dos problemas históricos*." Assim, significa dizer que a micro-história utiliza o acesso a escalas reduzidas de observação como seu espaço de trabalho, como percurso metodológico para a realização da análise histórica. Nesse sentido, as observações recolhidas nas obras de Faria (1961; 2001) constituem a amostra através da qual são visualizadas as etapas de formatação do paradigma indiciário.

Em seu principal escrito sobre o conhecimento forjado a partir de sinais e indícios, Ginzburg (1989) reforça que esse modelo epistemológico indiciário é caracterizado por dar a conhecer um determinado objeto a partir de pormenores pouco notados. De acordo com o autor, essa forma de conhecer teria sido notabilizada no final do século XIX e estaria estreitamente vinculada às ciências humanas. No entanto, ainda que a sua emergência fosse relativamente recente, suas origens encontrariam eco há milhares de anos.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Se, nos sertões do Seridó dos séculos pregressos, a fim de fazer a caça de animais, o homem observava a "[...] pequena pedra revirada da 'cama'" (Faria, 1961, p. 42) ou ainda "[...] uma imperceptível depressão no solo ou um graveto partido" (Faria, 1961, p. 42), bem como "[...] os pelos do animal que ficaram presos aos galhos das plantas" (Faria, 1961, p. 42), a partir daí reunindo elementos que compunham uma sabedoria peculiar, o caçador do período pré-histórico já se utilizava da mesma forma de saber ancorada nesses mesmos sinais advindos do meio em que habitava:

> [...] por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (Ginzburg, 1989, p. 151).

Essa forma de saber, surgida e aprimorada a partir de comunidades pré-históricas de caçadores e também presente nos sertões do Brasil em épocas passadas, sobretudo caracterizada pela "[...] capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente" (Ginzburg, 1989, p. 152), vai receber de Carlo Ginzburg (1989) a denominação de *paradigma venatório*, primeira forma de manifestação do paradigma indiciário do qual estamos falando.

A partir do terceiro milênio antes de Cristo, por sua vez, começa a desenhar-se uma variação desse modelo epistemológico baseado em indícios. Agora, o paradigma não se voltava apenas à interpretação de sinais do passado, como o fazia o modelo venatório, mas sim à predição do futuro.

Entra em cena, portanto, o *paradigma divinatóri*o, aqui pressupondo-se o "[...] minucioso reconhecimento de uma realidade talvez ínfima, para descobrir pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador" (Ginzburg, 1989, p. 152-153), o qual estava baseado, sobretudo, na "[...] decifração de caracteres divinos inscritos na realidade" (Ginzburg, 1989, p. 153).

No Nordeste do Brasil, o paradigma divinatório vai sobreviver como forma de acesso ao conhecimento até os dias correntes, sendo expresso, com maior incidência, não sem surpresa para o título que recebem, pelos assim chamados *profetas de inverno*, aqueles mesmos sertanejos que, observando os pequenos sinais da fauna, da flora e mediante elementos da religiosidade, preveem – note-se que o padrão de conhecimento é voltado para o futuro – a seca ou a chuva vindoura.

Maiormente, esses *profetas* lançam mão de suas profecias pela decifração de sinais aleatórios e dos quais não há como haver controle externo: pelas garrafas de água que permanecem cheias ou ficam secas depois de uma noite sob a fogueira em homenagem a São João; através da observação da umidade nas pedras de sal no dia de Santa Luzia, a

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

saber, 13 de dezembro; ou, ainda, pelos mais diversos comportamentos de alguns animais, apenas para exemplificar[8].

Seja como for, ao longo de suas fases, o paradigma divinatório aos poucos agregou elementos do léxico jurídico, da fisiognomonia[9] e também da semiótica médica[10]. Especialmente, nesse último caso, encontrando arrimo na medicina hipocrática, desenvolvida na antiga Grécia a partir de Hipócrates (460–370 a.C.), a qual tinha por base a noção dos sintomas (ou indícios) no diagnóstico e tratamento das doenças.

A partir daí, pouco a pouco, descolando-se o saber médico dos traços divinatórios que em algum momento influíram na atividade de curar, a medicina e a semiótica cuidaram de fortalecer uma forma de obtenção do conhecimento agora registrada sob a denominação de *paradigma indiciário*, o qual buscava enxergar não apenas elementos do passado (paradigma venatório) nem somente aspectos do futuro (paradigma divinatório), mas também caracteres atuais que ajudassem, de algum modo, a resolver os problemas lançados à sua análise.

Fortalecido nos séculos XVIII e XIX, quando a literatura de imaginação, os estudos de história da arte e a psicanálise começaram a se servir amplamente de indícios, sinais e evidências para a construção de suas obras e o fortalecimento dos respectivos campos do saber, o paradigma indiciário tem servido com grande ênfase às ciências humanas, perpassando-as e modelando-as profundamente nos dias correntes. É nesse contexto, portanto, que as obras de Faria (1961; 2001) nos permite enxergar algumas vertentes desse modelo epistemológico baseado em pontos não perceptíveis à primeira vista.

De sinais e indícios um saber se revela...

Na já referida obra “A caça nos sertões do Seridó”, Faria (1961) apresenta e descreve as várias técnicas utilizadas pelo homem sertanejo para capturar suas presas. Ao tratar da caça por perseguição, por exemplo, aponta o *rastejamento* como um de seus mais eficazes métodos. Nesse estudo, o autor reconhece a antiguidade dessa forma de apreender animais e ensaia uma explicação para entender a sua presença no sertão nordestino, conforme denotado a seguir:

[8] Ao estudarem os denominados “profetas de chuva”, Silva, Andrade e Rozendo (2014) analisaram as práticas tradicionais de previsão do tempo fundamentadas na observação de sinais da natureza, como o comportamento dos animais, a floração das plantas, a posição dos astros e as condições atmosféricas, demonstrando que essas práticas, transmitidas de geração em geração e aperfeiçoadas pela experiência, desempenham funções que ultrapassam a simples previsão das chuvas, constituindo importantes estratégias de adaptação às adversidades climáticas, sobretudo porque permitem aos sertanejos antecipar decisões relacionadas à agricultura e à criação de animais. Para além desse viés eminentemente prático, a continuidade das “profecias” está associada à preservação da cultura sertaneja, à identificação com a terra, à religiosidade, à relação afetiva com a natureza e ao desejo de ajudar a comunidade, especialmente por meio da transmissão de prognósticos que alimentam a esperança diante das possibilidades de estiagem.

[9] A fisiognomonia é uma prática antiquíssima que consiste em interpretar o caráter ou a personalidade de alguém a partir de sua aparência, especialmente através da comparação entre a semelhança física da pessoa com aquela de determinado animal. Aquele que lembrasse um touro, por exemplo, seria forte. O que aparentasse um lobo, feroz e violento. Grosso modo, essa forma de conhecer permitia também atrelar o *feio* ao mau e o *bonito* ao bom.

[10] Não por acaso, Ginzburg (1989) destaca a emergência do paradigma indiciário nas ciências humanas a partir do trabalho de três médicos: Giovanni Morelli (1816-1891), com sua técnica de investigação e crítica de arte a partir de detalhes marginais; de Arthur Conan Doyle (1859-1930), com a literatura imaginativa do personagem Sherlock Holmes e o esclarecimento da realidade através de sinais pouco notados; e de Sigmund Freud (1856-1939), com a psicanálise e o tratamento a partir dos aspectos mais particulares e negligenciados da vida humana.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

> [...] rastejar é quase certeza ter sido um dos primeiros verbos que os nossos antepassados colonizadores aprenderam a soletrar, até mesmo por carecimento de sobrevivência. Rastejar tem sido uma constante das populações primitivas que pouco a pouco vai se diluindo com a artificialização do homem. O sertanejo seridoense, pela significação de uma vida mais achegada à terra, é, mais das vezes, em grau de mestre ou de aprendiz, capaz de 'tirar um rasto' (Faria, 1961, p. 41).

Nesse ponto, não se faz desmesurado destacar que a ênfase de Oswaldo Lamartine quanto ao rastejamento praticado pelos colonizadores seridoenses obnubila a contribuição indígena nesse e noutros métodos de caça presentes no Seridó arcaico. Embora não esqueça a contribuição dos povos originários sobre os costumes venatórios da geografia potiguar, a qual é citada aqui e ali em suas obras, o destaque dado a essa herança é fugaz e parece toda ela incorporada na verve branca do sangue colonizador, como assaz destacou Araújo (2022, p. 72) ao afirmar que "[...] embora reconheça a presença primeira dos indígenas nos sertões, o sertanista [Oswaldo Lamartine de Faria] marca a real ocupação do espaço com a chegada do conquistador e do gado".

Consequentemente, a atividade de rastejar, longe de ser uma característica presente apenas no Seridó, enforma um processo mental verificado nas mais diversas regiões e indica a reunião de pequenos sinais como fundamentos de um saber indiciário que se construía a partir da observação arguta dos elementos disponíveis ao intérprete. Conforme observou Ginzburg (1989, p. 153), "[...] esterco, pegadas, pêlos, plumas [...]", além de galhos de árvores quebrados e a posição das folhas contorcidas pelo sentido do percurso, eram indícios de que ali havia algo a ser minuciosamente observado.

Nesse ato de seguir as pistas ou sinais, os "[...] dados são sempre dispostos pelo observador de modo tal a dar lugar a uma sequência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser 'alguém passou por lá'" (Ginzburg, 1989, p. 152). Em suas observações, Faria (1961) cita antigos residentes da região do Seridó exemplificativos do domínio desse método do *rastejamento* e, consequentemente, possuidores de uma forma de conhecimento que os colocara em evidência perante a comunidade na qual estavam inseridos.

Eram homens, desse modo, atentos aos mínimos caracteres fornecidos por seu ambiente doméstico ou de trabalho, de cuja flora e fauna extraíam os elementos de formulação do saber. A partir desses sinais, conforme aduz Faria (1961), Possidônio Avelino da Costa, morador da Serra Padre, em Acari/RN, teria rastejado por toda uma noite os bandidos que haviam assaltado um seu vizinho na década de 1940, flagrando-os em seu esconderijo aparentemente inviolável. Servindo-se, para tanto, apenas de rastos e pegadas, cheiros, galhos quebrados ou (simplesmente) afastados e todo tipo de outros sinais que o saber indiciário lhe pudesse fornecer.

Também Severiano Correia de Medeiros, mais conhecido por Mestre Correia, de Caicó/RN, demonstrara grande habilidade na observação dos menores indícios, vivendo de caçar e matar cobras cascavéis e jararacas a serviço dos fazendeiros da região. Esses saberes rastejadores, como aduzimos de Ginzburg (1989), advinham de uma experiência já sedimentada, na qual residia sua força e o seu limite: a incapacidade de servir-se do instrumento da abstração.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

A nosso ver, numa nítida exemplificação do paradigma venatório, o autor potiguar demonstrou a forma através da qual os caracteres mais negligenciáveis se punham à disposição do homem sertanejo para a construção de um conhecimento que se mostrava útil em sua vida prática:

> Perspicazes observadores, nada lhes escapa ao olhar. Aqui é uma pequena pedra revirada da 'cama' – ali uma imperceptível depressão no solo ou um graveto partido; adiante, os pelos do animal que ficaram presos aos galhos das plantas. Quando o chão não lhes oferece indícios, apelam para os matos – rastejar no ar, observando os pontos de atrito dos ramos que, com a passagem da caça, mudam o contato. [...] o rastejador não esmorece pelo desaparecimento repentino dos sinais. Esbarra, imagina a intenção do outro, esmiúça o chão, os matos e as pedras e, se nada encontra – corta o rasto, i. é, descreve círculos crescentes pelos arredores até a retomada da pista (Faria, 1961, p. 41-42).

O ato de *rastejar*, nessa perspectiva, nada mais era que a aplicação de uma forma de conhecimento decorrente da observação demorada de sinais e indícios que, não fosse por essa mesma maneira indiciária de saber, passariam despercebidos ao observador e intérprete. Pedras reviradas no solo, ligeiros afundamentos no chão, galhos de árvores retorcidos e pelos de animais espalhados pelo caminho: a análise de todos esses caracteres oferecia ao rastejador as condições de formulação de um saber baseado em elementos aparentemente irrelevantes.

Nesse procedimento de conhecer através de pequenas pistas, do qual o *rastejamento* sertanejo é exemplo evidente, "[...] estaria a origem imemorial de tantos outros saberes que marcaram a história da humanidade" (Lima, 2006, p. 335), entre os quais citamos a medicina, o direito e a própria literatura.

A despeito de ser um modelo epistemológico com raízes na oralidade, na mímica e mesmo no olhar arguto do caçador, o conhecimento indiciário − tal como o praticavam as sociedades venatórias, das quais os sertanejos rastejadores certamente são tributários −, era mais rico que qualquer codificação escrita. Esses saberes, de acordo com o historiador de Bolonha,

> [...] não eram aprendidos nos livros mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre as sutilezas certamente não-formalizáveis, frequentemente nem sequer traduzíveis em nível verbal; constituíam o patrimônio, em parte unitário, em parte diversificado, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais (Ginzburg, 1989, p. 167).

Esse cabedal de formulações, portanto, provinha da concretude da experiência, de uma experiência transmitida a partir de gerações que se perdiam no tempo, da emulação de comportamentos quase naturais que o filho observava no pai e este observara nos seus ascendentes, assim sucessivamente. Comportamentos, como diria Ginzburg (1989, p. 167), "[...] sem origem nem memória ou história".

Consequentemente, no livro "Notas de carregação", publicado 40 (quarenta) anos depois de "A caça nos sertões do Seridó", Oswaldo retorna à carga com o mesmo tema, agora

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

tratando especificamente dos caçadores de abelhas e do uso, feito por eles, de um método astucioso de observação, sempre no intuito de descobrirem a localização dos enxames desses animais.

Nos meses de seca, de acordo com Faria (2001), os caçadores procuravam os locais em que as abelhas costumavam beber água e ali se postavam à sua espera. Pacientemente aguardavam os animais dessedentarem-se e depois observavam aqueles que tomavam maior altura no voo de volta. Para esses rastejadores, quanto mais altas as abelhas voassem ao início da jornada, mais perto estaria o seu cortiço. Se, porém, ganhassem altura aos poucos e fossem mais devagar, mais longe o enxame se alojava. Os caçadores, então, as seguiam, tomando o sentido de sua direção. Mais à frente paravam e novamente observavam a passagem das abelhas. Nesse escrutínio lento, repetido uma, duas ou mais vezes, os rastejadores conseguiam finalmente chegar na árvore em que se alojavam os apídeos.

A forma de proceder desses homens, escorada em um saber forjado a partir da experiência e do conhecimento venatório decorrente da experiência da caça, sedimentado por gerações sem conta e com transmissão a partir da própria concretude de sua atividade, não diferia, em substância, dos procedimentos investigativos utilizados em larga escala no âmbito das ciências humanas e mais evidentemente nas ciências médicas através de sua semiótica, uma vez que todos esses campos investigativos se servem de sinais e indícios para a formulação de interpretações ou diagnósticos.

Por conseguinte, é chegado o momento de reafirmar que o paradigma venatório, primeira manifestação do modelo indiciário de conhecimento de que vimos tratando, terá metamorfose, como referido no tópico anterior, no paradigma divinatório, espécie de saber que se projetava para o futuro, não mais para o passado.

Cuidava-se, através do modelo divinatório, não mais de descobrir o que se passou (tal qual fazia o modelo ligado aos caçadores), mas de predizer o que viria. Ao fazer-se um paralelo entre essas duas primeiras fases do paradigma indiciário, tinha-se "[...] de um lado, esterco, pegadas, pêlos, plumas; de outro, entranhas de animais, gotas de óleo na água, astros, movimentos involuntários do corpo e assim por diante" (Ginzburg, 1989, p. 153), em um claro contraste entre os estágios venatório e divinatório do paradigma.

Por sua vez, a demonstração do paradigma divinatório será realizada por Faria (2001), na obra "Notas de carregação". Ao tratar do que denomina por meteorologia sertaneja, o autor expõe uma série de sinais que, se corretamente interpretados pelos homens da caatinga, teriam o condão de predizer as situações de abundância ou seca para a quadra chuvosa do ano por vir. São suas as palavras:

> No Nordeste, o sertanejo rouba as imagens dos seus oratórios para que o santo, ressentido, faça chover. Sob a fogueira de S. João, enterram uma garrafa d'água; se no dia seguinte continuar cheia, o ano vindouro será bom de inverno. O dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, oferece melhor profecia: seis pedrinhas de sal ─ que representam os seis primeiros meses do ano ─ são expostas ao sereno da noite; na manhã seguinte o maior ou menor grau de umidade de cada uma diz da intensidade das chuvas de cada mês. O comportamento dos bichos oferece melhor ensino. Assim é que, farturas de gatas *amojadas*, tatu magro de novembro para janeiro, abundância de cascavel, aranhas caranguejeiras vagando pela caatinga, aruá se desapregando fácil dos galhos de pau de janeiro para fevereiro, rato do mato

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

> fazendo ninho nos altos das várzeas, sapo-cururu cantando no seco em dezembro, *formiga de roça* carreando para fora a comida velha, galo de campina açoitando de madrugada, curimatã ovada em dezembro e os maribondos caçando os alpendres das casas para fazer casa nas telhas ─ não tem o que saber ─ é cuidar em aprontar a terra porque é ano de tanta chuva que dá para sapo morrer afogado (Faria, 2001, p. 57-58, destaques no original).

Esse tipo de adivinhação, no qual os elementos interpretativos disponíveis ao observador são praticamente infinitos, pressupunha a mesma atitude cognoscitiva em relação àquela utilizada no estágio venatório do paradigma, onde os indícios podiam ser abundantes e igualmente estavam dados à decifração. Nos dois casos, as operações intelectuais envolvidas na análise, comparação e classificação dos pequenos caracteres eram formalmente idênticas.

Uma coisa, porém, conforme antes ventilado, diferenciava esses dois estágios do paradigma epistemológico indiciário: enquanto o saber venatório dava conta *do que passou*, *do onde está* ou *do que aconteceu*, a etapa divinatória falava *do porvir*, *do dia de amanhã* e *do próximo inverno*, antevendo-se um futuro a partir do presente, ao passo que os rastejadores utilizavam o mesmo presente para saber do passado.

Nesse sentido, os poucos trechos aqui citados evidenciam a existência de uma forma de conhecimento decorrente da arguta observação de aspectos aparentemente negligenciáveis, imperceptíveis ao olhar daqueles não afeiçoados ao meio de onde esses pequenos indícios eram extraídos.

Um graveto partido ao meio, uma folha amassada, as marcas de uma pisada no chão de terra batida, a pedra fora de seu lugar original ou um galho torcido em uma ou outra direção: pontos que, inicialmente, não dando nada a conhecer além de sua própria materialidade, se transformavam em um saber que permitia ao seu detentor descobrir o caminho seguido por um determinado animal ou uma dada pessoa. Saber, esse, de raiz antiquíssima, característico de um paradigma de conhecimento presente ao longo de extenso período da história humana.

Considerações finais

Os paradigmas venatório, divinatório e indiciário, de conformidade com o exposto anteriormente, são formas de aquisição do conhecimento marcadas pela observação, sistematização e análise de sinais e indícios. Essas operações de trabalho, além de proporcionarem condições para o exegeta firmar hipóteses plausíveis acerca do assunto abordado, dão as ferramentas para se fazer uma razoável descrição do objeto sob exame.

Apesar de cada um desses paradigmas ter características próprias e um momento de origem bem definido, é fato que as semelhanças que os envolvem são tantas e tão substanciais que o próprio Ginzburg (1989) parece separá-los apenas para recompor a sua história e demarcar os períodos de aparecimento, aprimoramento de métodos e ferramentas em relação ao estágio temporal anterior.

Assim, portanto, é ao paradigma indiciário que o micro-historiador italiano faz referência quando quer dizer, genericamente, algo do paradigma venatório ou mesmo do divinatório. Em outras palavras, Ginzburg (1989) os trata como diferentes estágios da mesma

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

coisa: são adjetivos não sinônimos que direcionam para um modelo epistemológico comum, cuja similaridade de métodos os liga de forma estreita e bastante conexa.

Dessa forma, tanto o estágio venatório do paradigma como a sua etapa divinatória compõem o que o historiador europeu conceituou como o paradigma indiciário do conhecimento, ainda que, como alertado, existam diferenças entre um e outro desses estágios.

Nos sertões de Lamartine de Faria, como se buscou demonstrar, saltam aos olhos alguns exemplos da operação do paradigma indiciário, ora revelado em seu estágio venatório — atrelado aos métodos de caça utilizados pelos sertanejos —, ora em seu aspecto divinatório — no tocante à predição da chuva ou da seca. Formas de obtenção do saber que, devidamente teorizadas, recolocam no plano da racionalidade aquelas técnicas aparentemente tidas como irracionalidades, acasos ou superstições.

Do ponto de vista da etnografia *oswaldiana* descrita no *corpus* deste trabalho, portanto, tem sucesso o teste de nossa hipótese, no sentido de que o conhecimento indiciário possui raízes muito remotas e provém de um saber popular construído a partir do recolhimento e observação de sinais e indícios disponíveis ao intérprete, paulatinamente sedimentados pela facticidade do dia a dia.

A par disso, as obras abordadas ao longo deste texto demonstram como o paradigma indiciário se manifesta enquanto saber cotidiano, da experiência e da concretude, revelando uma *forma de pensar* vivenciada nos sertões do Seridó e aproveitada e modificada por diferentes ciências e áreas do saber, sobretudo no âmbito médico e jurídico. Desse modo, por ilustrar a formação do saber a partir dos pequenos sinais e indícios, os escritos oswaldianos puderam e podem ser estudados e analisados na perspectiva da constituição do conhecimento a partir do paradigma indiciário, contribuindo, assim, para a sua teorização e entendimento prático.

Referências

ARTIGO DE PERIÓDICO

SILVA, Neusiene Medeiros da; ANDRADE, Anna Jéssica Pinto de; ROZENDO, Cimone. ‘Profetas da chuva’ do Seridó potiguar, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, n. 3, set.-dez. 2014, p. 773-795. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-81222014000300014. Acesso em: 05 nov. 2026.

TRABALHOS EM ANAIS DE EVENTO

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. 2005, p. 21-72. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/tQVGMhfCrTYYDxBQX44ZjYf. Acesso em: 23 abr. 2026.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Seridó norte-rio-grandense: reestruturação e planejamento regional. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, 11., 2005, Salvador. *Anais do XI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR*. Salvador: ANPUR, 2005. Disponível em: http://www.xienanpur.ufba.br/251.pdf. Acesso em: 24 abr. 2026.

CAPÍTULO DE LIVRO

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Traduzido por Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011. p. 135-163.

LIVRO

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história*: especialidades e abordagens. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*: o uso de imagens como evidência histórica. Traduzido por Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CAMPOS, Natércia (org). *Em Alpendres d'Acauã*: conversa com Osvaldo Lamartine de Faria. Natal: Fundação José Augusto; Imprensa Universitária, 2001.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1961.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Notas de carregação*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. Traduzido por Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Coordenação de Geografia. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/. Acesso em: 19 mar. 2025.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana*: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a cidade*: Caicó em sua dinâmica espacial. Natal: Senado Federal, 1999.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Micro-história italiana*: modo de uso. Traduzido por Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2012.

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

TESE / DISSERTAÇÃO / MONOGRAFIA

ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. *Os sertões naturais sob as lentes de Oswaldo Lamartine de Faria (1960-1980)*. 2022. 108f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

Notas de autoria

Israel Maria dos Santos Segundo é doutorando e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharel e mestre em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pesquisador dos temas: história da educação no século XIX e cangaço. Membro do grupo de pesquisa Observatório das Heterotopias. E-mail: israel.segundo@ufrn.br.

Azemar dos Santos Soares Júnior é bolsista de produtividade do CNPq. Possui graduação em História (UEPB) e doutorado em Educação (UFPB). É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do grupo de pesquisa Observatório das Heterotopias. E-mail: azemar.soares@ufrn.br.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista
SEGUNDO, Israel Maria dos Santos. JÚNIOR, Azemar dos Santos Soares. Sinais e indícios nos sertões do Seridó: algumas considerações sobre o paradigma indiciário a partir da obra de Oswaldo Lamartine de Faria. *Sæculum – Revista de História*, v. 31, p. 1-20, 2026.

Contribuição de autoria
Não se aplica

Financiamento
Não se aplica

Consentimento de uso de imagem
Não se aplica

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica

Licença de uso

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0. Com essa licença, você pode compartilhar, adaptar ou criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico
Recebido em 03/06/2026
Aceito em 01/11/2026

Esta obra está licenciada sob uma Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional